

“NADA QUE VER COM VULCANO...”

*como meter o trabalho
dos homens, os seus dias,
nessas escassas linhas*

Vasco Graça Moura, *nó cego, o regresso*



Aproximar o escultor José Aurélio, na sua estreita relação com os metais – do mais precioso ao mais vulgar –, da figura mitológica de Vulcano, deus com um génio singular e uma obra consumada, e ver na sua oficina «uma espécie de antro metalúrgico de que irrompe a criação»¹ é uma tentação irresistível. Ambos

¹ VASCO GRAÇA MOURA, *Variações Metálicas*, Lisboa, Asa, 2004, pp. 8-10. Esta obra, com fotografias de Ana Gaiaz, propõe-se como convite para uma visita guiada à oficina do escultor e tem especial significado no universo poético de Vasco Graça Moura, já que, a sua regular actividade efrástica adquire, pela segunda vez, um carácter sistemático. Depois de um ciclo de

investiram na arte uma avultada soma de energia e fizeram dela a essência das suas vidas, desdobrando-a numa multiplicidade de formas, sugeridas ao escultor por inspiradas meditações, a Vulcano, sobretudo pelas encomendas.

Entre as criações daquele que é por muitos considerado o mais laborioso dos habitantes do Olimpo contam-se a égide e o ceptro de Júpiter, o carro do Sol, o palácio dos deuses, o escudo de Aquiles (peça que se pode (re)ver com especial vividez na célebre descrição homérica) ou, na mesma linha, as armas do herói da *Eneida* (que continuam em exposição no livro VIII da epopeia latina), mas também outras peças de pequeno formato e delicado labor, que fizeram as delícias das divindades femininas. Entre a não menos vasta e variada obra metálica de José Aurélio, dispersamente semeada em Portugal e no estrangeiro, encontramos esculturas formalmente variadas, jóias (*e outras alquimias*), uma extensa produção medalhística, um sem número de cata-ventos que, ora se encontram estacionados no seu privativo «parque eólico», como costuma chamar-lhe, ora, cumprindo a sua vocação viajante, se abrem a outros ventos e animam exposições ao ar livre, como convém.²

Absorvidos um e outro – o deus-ferreiro à boca do vulcão da ilha de Lemnos, o escultor na “ilha” que é a Quinta da Preta, em Alcobaça – em duros combates a que obriga a rigidez metálica, engendram, numa humildade ofical, formas com uma diversidade de escalas, muito significativa no deus, impressionante no escultor: da delicada jóia para ser usada pelas deusas dos tempos modernos, à grande dimensão do monumento da arte pública. Destaque-se o grandioso “encontro de mãos” (nome de uma obra do escultor) que é o «Monumento ao Trabalho», inaugurado em 1996, em Almada, ou, na mesma cidade e no mesmo material, o aço corten, o «Monumento à Paz» ou

poemas sobre fotografias de Gérard Castello-Lopes, *Giraldomachias*, eis uma sequência dedicada à obra escultórica de José Aurélio.

² Para uma visita aos cata-ventos de José Aurélio, *Pás de Vento. Ventos de Paz*, Museu Nacional do Traje – Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea, 2006.

ainda, só para dar mais um exemplo, a «Porta de Abril» em São Paulo, no Brasil.

Se é sabido que Vulcano nunca receou a ameaça permanente de cortejos ruivos e crepitantes de faúlhas, que fazem dele também o mais tisonado dos deuses, José Aurélio, que «não renega o artesão, o operário ou o engenheiro»,³ expõe-se denodadamente ao calor das soldaduras, à agressão das limalhas e de outras asperezas, sobe e desce escadarias, caminha por andaimes, na demanda de um equilíbrio, algures, entre o lúdico e o reflexivo. E, aparentemente sem fadigas, encontra ainda força para os regulares – e amigáveis – combates que, de há muito, vem travando com o vento.

Esta rede de semelhanças, porém, baseada em analogias exteriores, apenas serve para melhor significar a diferença. Pese embora a confessada preferência pelos metais e a «estranhíssima afinidade com o ferro»,⁴ José Aurélio não é um artista de um só material: madeira, vidro, plástico, pedra ou materiais mais domáveis, como o barro, menos prováveis, como arames, paus e gravetos, ou ainda outros de (re)conhecida – e perturbante – proveniência, como restos de maquinarias várias, de tudo encontra quem visita a sua casa-*atelier* que, bem ao contrário da rumorosa morada do deus, transmite uma paz monástica acentuada pela paisagem que a envolve.

Mas uma outra fundamental diferença surge a afastá-los: o sentido lúdico. Quando, ao nascer, Vulcano foi arremessado do Olimpo, terá perdido, além do aprumo das pernas, a criança que o autor das Gárgulas da Torre do Tombo – e de «outras esculturas melhores, sem peso e sem medida, que ninguém viu porque só existem na [sua] imaginação»⁵ – guarda dentro de si. Talvez por esta razão nunca tivesse sabido o deus combinar na sua arte função

³ LEVI CONDINHO, «Diversidade e unidade em José Aurélio»: AURÉLIO, JOSÉ, *Desenho Escultura. Monumento à Paz*, Almada, Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea, 2000.

⁴J. AURÉLIO, «Uma conversa na Quinta da Preta»: *José Aurélio. Gestos e Sinais*, Lisboa, Magno Edições – Fundação Mário Soares, 2001, p. 27.

⁵ José Aurélio em entrevista a Natacha Narciso: *Tinta Fresca*, nº 6, Abril de 2001.

e jogo, meditação e *divertissement*, vectores expressivos que atravessam e sustentam dialecticamente a obra do escultor. O deus, na sua diversidade dimensional e estética, na sua inegável energia criadora, nunca se atreveu a conjugar um verbo que ocupa um lugar destacado na poética da obra de José Aurélio – o verbo brincar.

Passo em silêncio as máquinas de animar que são os seus cata-ventos, criação cinética única na paisagem escultórica portuguesa (que ocupa um lugar saliente na sua obra), para pôr em relevo o monumental brinquedo que pode ser a escultura que se ergue no Parque da Paz em Almada. Se aceitarmos a solicitação para participar do jogo que a peça iniciou já com o próprio espaço onde foi implantada, quer dizer, envolvermo-nos em deslocamentos que levam à dialéctica da proximidade e da distância, se preferirmos, do centro e das periferias brincadas, podemos sempre descansar nos requebros dos seus braços que rematam em chão de pedra.⁶ Recompostos, e desfeito o pacto lúdico, podemos ainda proceder a um exercício de cariz lúdico-conjecturante, de forma a concluir do «sentido do brinquedo-como-coisa-séria».⁷

Por outro lado, recluso das paredes do seu antro – a remoer as rejeições do passado (e a forjar soluções para as traições do presente) – também nunca ousou Vulcano

*ir pelo mundo, andar entre a sucata,
não recear dos olhos que se sujem,
encontrar uma forma que se engata
a outra forma em sombra de ferrugem*

e de uma a outra ir engendrando amarras

⁶ Veja-se, sobre esta peça em particular, Cristina Azevedo Tavares, «Criar Raízes»: AURÉLIO, José, *Desenho Escultura. Monumento à Paz, Almada, Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea*, 2000.

⁷VASCO GRAÇA MOURA, op. cit, p. 6.

*e explosões contínuas.*⁸

José Aurélio é um “achador” de objectos que recolhe d’aqui e d’além na demanda de figurações próprias, aladas ou não, mas quase sempre em movimento – incessantemente procurado. O seu olhar, fronteira móvel aberta a possibilidades formais, materiais e simbólicas, vai dilatando a obra com que o deus latino nunca sonhou.

Incapaz de agradar a gregos e a troianos, algumas das suas criações escultóricas têm suscitado as mais desencontradas reacções e acendido polémicas que mais não fazem que sublinhar a eficácia da sua função como escultor. É ainda justo sublinhar que os seus combates não se restringem à rigidez dos metais. Homem agudamente sensível, atento ao direito e ao avesso do mundo (sobretudo a este último, quando demora a devolver a liberdade de que vive a criação ou, devolvendo-a, e para usar uma expressão do próprio, a «modorra cultural» persiste), José Aurélio não se exime de outros ofícios cada vez mais raros. Destaco o de *fautor* da arte e da cultura contemporâneas.

TERESA CARVALHO

⁸ IBIDEM, p. 41.